

O Suds, nivelando por baixo

ASSAF HADBA

Os sofismas que invadiram o País, em forma de slogans, veiculados por aqueles que usam a liberdade insidiosa e perversamente para nos tirá-la, levaram a medicina brasileira para a agonizante situação que vive hoje.

A falaciosa mentira de que saúde é um direito de todos e um dever do Estado sensibilizou, pela malícia de seus pregadores e pela desinformação dos nossos constitucionais, a grande maioria que a tornaram constitucional. Saúde é, sim, um dever do Estado, pois seria inconcebível que um Estado, possuindo meios providos pela ciência, não buscasse impedir que os seus cidadãos adoecessem. São, sim, função do Estado o saneamento básico, as vacinações em massa, o combate às endemias e as demais ações de manutenção da saúde. Daí aos slogans e sofismas, confundindo propositadamente saúde e assistência médica, há uma grande distância, que só a má-fé e o desinteresse pela cura da população e o aprimoramento médico teimam em não ver.

A assistência médica se faz em âmbito de confiança mútua, envolvendo unicamente médico e paciente. É um problema pessoal das partes envolvidas. Essa confiança, base fundamental da cura que se busca, não pode ser imposta por decretos e muito menos pelas comunidades de fabricantes de slogans. Essa confiança se adquire e se generaliza através do trabalho, do estudo, do aprimoramento técnico e humano do profissional, só possível em regime de liberdade, sem demagogias ou o populismo fácil.

Mais recentemente, têm nos impressionado a benevolência e mansuetude com que nossos companheiros posicionados e comprometidos na luta pela boa medicina, aquela de qualidade, aceitam e propagam mais um destes enganadores slogans. O mais novo, e que nos causa rejeição incontrolável, é aquele que já ouvimos até de alguns dirigentes classistas, ou seja: "O Suds veio para ficar". Num país onde a omissão e o comodismo da grande maioria permitem aos fabricantes de slogans colocarem na Constituição o mais absurdo deles, transformando o médico em simples mecânico robotizado e o paciente em mera máquina sem alma, nada vem para ficar, a não ser o amor pelo semelhante cada vez

mais distante, nesta estrutura deteriorada. Retirar ao médico a sua missão e impor ao paciente a sua instrumentalização é total desrespeito ao ser humano. É desconhecer a razão.

Sob a falsa pregação de descentralizar, nunca qualquer outro serviço foi tão centralizado como o médico. Prefeitura-se o serviço médico e o seu profissional que passou a ser subalternizado pelo senhor prefeito, verdadeiro deus da medicina, e que há de guiá-la segundo os seus "nobres" apetites políticos. Ai do médico que não atender às "prescrições" do senhor prefeito e de seus seguidores. Transformar um único mandatário em proprietário absoluto da assistência médica é descentralizar? Ao contrário, concentrou-se, sim, o dinheiro e a liberdade do médico nas mãos do todo-poderoso Senhor Prefeito Municipal. Enfraqueceram-se a medicina, o paciente e o médico. Contaminou-se a medicina brasileira pelo vírus da Aids. Essa síndrome de imunodeficiência adquirida da medicina brasileira, contraída através do texto constitucional, se hoje não tem cura total, ao menos se faz necessário que aumentemos a resistência da paciente para suportar, até a próxima revisão da nossa Constituição, daqui a cinco anos, os males que a atingem e que a atingirão.

Admitir o absurdo, isto é, que tão calamitosa doença estrutural tenha vindo para ficar, é o mesmo que aceitar a corrupção como força natural do poder. Este sistema, que troca a quantidade pela qualidade, não tem lugar nas honestas e responsáveis ações médicas. Elas pertencem ao regime que esmaga o aprimoramento cerceando a liberdade. Cria o desrespeito da sociedade contra a categoria assim submetida. De que maneira pode uma sociedade, sabedora da existência de uma medicina de qualidade, receber uma quantidade feita para todos, respeitar a categoria que serve tal estrutura?

O ato médico não é hotelaria ou qualquer outra ação instrumental, onde existem os de 1º, 2º ou 3º graus ou de 1ª, 2ª ou 3ª categorias. O ato médico haverá sempre de ser o mesmo para pobre ou rico. Porém, neste país de Suds, não é verdadeiro o que dizemos, bastando lembrar o episódio Luiz Inácio Lula da Silva, que correu rapidamente para o Hospital Sirio Libanês para curar a sua apendicite aguda. No entanto, votou no

Suds. Defendeu o Suds como solução "igualitária e gratuita" para todos. E aí está, na prática, a bonita retórica do serviço, "descentralizado, hierarquizado e regionalizado", totalmente descarrilhado, quase totalmente inútil, sem encontrar defesa, até mesmo no comportamento dos próprios criadores.

Nivelar por baixo, numa sociedade em desenvolvimento, qualquer categoria sob a falsidade de "acesso universal", é retrocesso e descaramento. Porém, como todo ímpio é sempre vítima de sua própria armadilha, aí está o nosso idealista e lutador pelas "causas do povo" que não usou o "maravilhoso" serviço que ajudou a criar. Colegas, a hora está passando, e não podemos mais permanecer inertes e longe da vida pública, onde as decisões sobre nós são tomadas ao arrepio das verdadeiras funções e ideais que abraçamos.

Não há mais tempo para esperar, é preciso comprometer a classe como um todo, na luta legislativa e judiciária, caminhos únicos para a consecução dos nossos ideais. Ao Legislativo, em todos os níveis, devemos alçar aqueles que haverão de encaminhar, em 1993, para o novo texto constitucional no Capítulo Saúde as propostas da medicina qualitativa, essa mesma que serviu ao senhor Luiz Inácio Lula da Silva, e não a que ele ajudou a criar e da qual fugiu.

Nesta revisão constitucional que se fará em 1993 será indispensável que a razão e a consciência da nossa classe comecem a ocupar o terreno da passividade e da indiferença, hoje vazio, antes que outra Aids ataque o médico.

Se os direitos e deveres pessoais continuarem a ser negligenciados, a sociedade continuará prejudicada, e todos os esforços serão infrutíferos. É necessário que acionemos o Judiciário também, para formarmos um direito médico, corrigindo as concepções errôneas e meramente ideológicas que vêm ameaçando a verdadeira medicina. Relembrar o grande Miguel Couto é dever daqueles que ainda acreditam na salvação da medicina atual. Dizia o mestre: "A medicina é a mais útil e a mais nobre das profissões; ela decai, quando os cultores a enfraquecem."